JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE NOVEMBRO
Ed. 79. Vol. 1 - Págs. 142-163
DOI: 10.5281/zenodo.24322122



CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

QUALIS A2



MEMÓRIAS E VÍNCULOS CONTÍNUOS NO PROCESSO DE LUTO DE PAIS PELA MORTE DE UM FILHO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA[1]

MEMORIES AND CONTINUING BONDS IN PARENTAL GRIEF FOLLOWING THE DEATH OF A CHILD: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Jessyca Barreira de Castro SALES
AFYA Centro Universitário UNITPAC
E-mail: jessycab.castro@hotmail.com
ORCID: http://orcid.org/0009-0002-6937-3270

Lara Cristina Mendonça da SILVA
AFYA Centro Universitário UNITPAC
E-mail: laramend09@gmail.com
ORCID: http://orcid.org/0009-0008-6438-8880

Edinalva Barrense da Silva FERREIRA
Afya Centro Universitário UNITPAC
E-mail: edinalva.ferreira@unitpac.edu.br
ORCID: http://orcid.org/0009-0004-7716-7949

RESUMO

A morte de um filho inverte a ordem esperada da vida e gera um luto que pode durar anos, com maior risco de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e isolamento social. Os modelos clássicos de luto tratavam o rompimento dos laços com o falecido como caminho para a superação, visão contraposta pela teoria dos vínculos contínuos, segundo a qual os enlutados mantêm uma relação com o filho por meio de memórias, objetos, rituais e narrativas. A literatura, contudo, ainda é dispersa, concentra-se em mães e no luto de longo prazo, e há escassez de pesquisas brasileiras sobre o tema. Nesse contexto, este estudo analisou, por meio de revisão sistemática da literatura, como a produção científica descreve as memórias e os vínculos contínuos no processo de luto de pais pela morte de um filho. A revisão foi conduzida conforme as recomendações PRISMA 2020, com busca nas bases PubMed/MEDLINE e SciELO, abrangendo publicações de 2016 a 2026, disponíveis na íntegra e em acesso aberto, em português, inglês e espanhol. Foram incluídas pesquisas originais qualitativas, quantitativas ou de métodos mistos sobre o luto de pais e mães após a

[1] COMO CITAR: (ABNT): SALES, J. B. C.; SILVA, L. C. M.; FERREIRA, E. B. S. Memórias e Vínculos Contínuos no Processo de Luto de Pais pela Morte de um Filho: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **JNT Facit Business and Technology Journal.** Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Novembro de 2026 - Ed. 79. VOL. 01. Págs. 142-163. Disponível: http://revistas.faculdadefacit.edu.br. Acesso em: ___/___/___.

morte de um filho, e excluídos estudos sobre perda gestacional ou perinatal, revisões de literatura e registros duplicados. Os dados foram organizados em quadro descritivo e analisados por síntese narrativa. Dos 36 registros identificados, cinco estudos compuseram a síntese final. Os achados mostram que os pais mantêm o filho presente por meio de objetos, espaços, rotinas, rituais, conversas e ações ligadas ao seu legado, e que esses gestos sustentam o vínculo e a identidade de pai ou de mãe. As memórias, porém, nem sempre consolam: o mesmo objeto, alimento ou sinal pode trazer conforto e dor, e o medo de esquecer o filho apareceu em estudos de diferentes países. A reação do meio social influencia a vivência do luto, e os grupos de apoio foram citados como espaço em que lembrar é permitido. Conclui-se que as memórias são o meio pelo qual o vínculo com o filho falecido continua e se transforma, e que sua manutenção deve ser acolhida pelos profissionais, e não tratada como falha na elaboração do luto. Faltam estudos longitudinais, com maior participação de pais homens e em famílias brasileiras, que avaliem se manter as lembranças reduz o sofrimento ao longo do tempo.

Palavras-chave: Luto parental. Vínculos contínuos. Memórias. Morte de um filho. Revisão sistemática.

ABSTRACT

The death of a child reverses the expected order of life and generates grief that can last for years, with an increased risk of depression, anxiety, post-traumatic stress, and social isolation. Classical models of grief treated the severing of ties with the deceased as the path to recovery, a view challenged by the continuing bonds theory, according to which bereaved individuals maintain a relationship with the child through memories, objects, rituals, and narratives. However, the literature remains scattered, focuses on mothers and long-term grief, and Brazilian research on the topic is scarce. In this context, this study analyzed, through a systematic literature review, how the scientific literature describes memories and continuing bonds in the grieving process of parents after the death of a child. The review followed the PRISMA 2020 recommendations, with searches in the PubMed/MEDLINE and SciELO databases, covering publications from 2016 to 2026, available in full text and open access, in Portuguese, English, and Spanish. Original qualitative, quantitative, or mixed-methods studies on the grief of fathers and mothers after the death of a child were included, while studies on pregnancy or perinatal loss, literature reviews, and duplicate records were excluded. Data were organized in a descriptive table and

analyzed through narrative synthesis. Of the 36 records identified, five studies comprised the final synthesis. The findings show that parents keep the child present through objects, spaces, routines, rituals, conversations, and actions linked to the child's legacy, and that these gestures sustain the bond and the parental identity. Memories, however, do not always bring comfort: the same object, food, or sign can bring both comfort and pain, and the fear of forgetting the child appeared in studies from different countries. The reaction of the social environment influences the experience of grief, and support groups were cited as a space where remembering is allowed. It is concluded that memories are the means through which the bond with the deceased child continues and is transformed, and that their maintenance should be welcomed by professionals rather than treated as a failure in grief processing. Longitudinal studies are needed, with greater participation of fathers and of Brazilian families, to assess whether maintaining memories reduces suffering over time.

Keywords: Parental grief. Continuing bonds. Memories. Death of a child. Systematic review.

INTRODUÇÃO

A morte de um filho inverte a ordem esperada da vida e abala a identidade de pais que se entendiam como cuidadores e protetores (Herold *et al.*, 2026). O luto que se segue pode durar anos e, em muitos casos, acompanha a pessoa pelo resto da vida (Kim *et a*l., 2019). Pais nessa condição têm maior risco de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, adoecimento físico, conflitos conjugais e isolamento social (Herold *et al*., 2026).

No Brasil, Campos *et al.* (2020) entrevistaram quinze mães que perderam filhos e descreveram como o luto invade a rotina da casa. Elas relataram perda da fome, dificuldade de sentar à mesa diante da cadeira vazia e sofrimento ao preparar as comidas preferidas do filho. Algumas, porém, mantinham essas receitas como forma de homenagem. O estudo mostra que o filho continua presente na vida da família, mesmo depois da morte.

Durante muito tempo, os modelos clássicos de luto trataram o rompimento dos laços com quem morreu como o caminho para a superação. Kim *et al.* (2019) contrapõem essa visão à dos vínculos contínuos, segundo a qual os enlutados mantêm uma relação com o falecido. Entre as mães que estudaram, esse vínculo trazia conforto e ajudava a seguir vivendo. Os vínculos se expressam por meio de narrativas, rituais,

lembranças e do convívio com outras pessoas (Herold *et al*., 2026). Para pais, também envolve quem a criança poderia ter se tornado (Herold *et al*., 2026).

As memórias são um dos meios mais concretos de sustentar esse vínculo. Mães coreanas que perderam filhos para o câncer guardavam roupas, brinquedos e cadernos, e sentiam que, por meio desses objetos, mantinham a ligação com a criança (Kim *et al*., 2019). Elas também sofriam com comentários de parentes e amigos, que estranhavam o fato de ainda falarem tanto do filho, e temiam esquecê-lo (Kim *et al*., 2019). Em estudo com 128 pais, mais de 90% afirmaram guardar objetos do filho e ter lembranças que lhes davam alegria (Herold *et al*., 2026).

Há ainda práticas de criação de memórias, como fotografias e moldes de mãos e pés, feitas durante a doença ou perto da morte. Em um hospice infantil na Irlanda, mães consideraram essas lembranças preciosas, mas descreveram o momento de recebê-las como mais intenso do que esperavam (Clarke; Connolly, 2022).

Uma metanálise qualitativa de nove estudos concluiu que os pais valorizam essas práticas, mas encontram barreiras como o choque da notícia, a falta de orientação e o preparo insuficiente, que podem gerar arrependimento depois (Xu *et al*., 2024).

Esses vínculos nem sempre trazem apenas conforto. Em entrevistas com 23 pais suíços, Clercq *et al*. (2025) descreveram experiências sentidas como sinais ou presenças do filho, que aliviavam a dor, mas também lembravam a ausência física da criança. Como não dependem da vontade dos pais, quando se tornam raras, alguns sentem angústia e medo de esquecer o filho (Clercq *et al*., 2025).

A literatura reconhece, portanto, a importância das memórias e dos vínculos contínuos, mas ainda deixa lacunas. O início do luto, nos primeiros dois anos, recebeu menos atenção que o luto de longo prazo (Herold *et al*., 2026). Os estudos reúnem sobretudo mães, e os pais aparecem pouco (Xu *et al*., 2024). Não há pesquisas clínicas que demonstrem que guardar objetos ou criar lembranças reduz o sofrimento dos pais (Xu *et al*., 2024). Além disso, o conteúdo está espalhado em estudos de países e culturas diferentes, com termos variados, como *memory making*, legado e vínculos contínuos. Campos *et al.* (2020) também apontam a escassez de pesquisas brasileiras sobre o luto materno.

Este trabalho se justifica por essa dispersão e pela necessidade de organizar o conhecimento disponível. Uma revisão sistemática permite reunir os estudos de forma criteriosa e identificar o que se sabe e o que falta investigar. Seus resultados podem ajudar psicólogos, equipes de saúde e grupos de apoio a acolher os pais sem tratar a manutenção do vínculo como falha na elaboração do luto.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar, por meio de revisão sistemática da literatura, como a produção científica descreve as memórias e os vínculos contínuos no processo de luto de pais pela morte de um filho.

METODOLOGIA

Protocolo de Registro

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, voltada à investigação de como as memórias relacionadas ao filho falecido são abordadas na produção científica sobre luto parental e de que maneira se relacionam com a continuidade dos vínculos afetivos após a morte. A apresentação da revisão seguirá as recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020), referentes ao relato das etapas de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos.

A pesquisa foi orientada pela seguinte pergunta: qual é o papel das memórias do filho falecido no processo de luto de pais e como essas memórias se relacionam com a continuidade do vínculo? O planejamento compreende objetivos, critérios de elegibilidade, fontes de informação, estratégias de busca e procedimentos de seleção e análise. O processo de seleção será apresentado em fluxograma PRISMA 2020.

O protocolo metodológico foi definido pelas pesquisadoras antes da consolidação dos resultados, com base na pergunta de pesquisa, nos critérios de elegibilidade, nas estratégias de busca e nas etapas de seleção e síntese. O estudo foi relatado com referência às recomendações PRISMA 2020. Não foi informado registro público do protocolo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, como a produção científica aborda a construção de memórias e a manutenção dos vínculos contínuos no processo de luto parental após a morte de um filho.

Objetivos Específicos

- Identificar as principais concepções teóricas sobre luto parental e vínculos contínuos presentes nos estudos selecionados na revisão sistemática;
- Descrever como as memórias relacionadas ao filho falecido são abordadas nos estudos científicos sobre luto parental;

- Analisar como os estudos selecionados estabelecem relações entre as memórias e a continuidade ou transformação dos vínculos dos pais com o filho após sua morte.

Critérios de Elegibilidade

Os critérios de elegibilidade foram definidos considerando o período de publicação, os idiomas, a disponibilidade dos textos, as características da população investigada e a relação dos resultados com os objetivos da revisão. O recorte contempla pais e mães que vivenciaram a morte de um filho após o nascimento.

Critérios de Inclusão

Foram incluídos artigos científicos publicados entre 2016 e 2026, disponíveis na íntegra e em acesso aberto, nos idiomas português, inglês ou espanhol. A amostra foi composta por pesquisas originais qualitativas, quantitativas ou de métodos mistos com resultados pertinentes ao luto de pais e mães após a morte de um filho.

Foram considerados estudos com resultados relacionados às memórias, lembranças e recordações do filho falecido e à continuidade ou transformação dos vínculos afetivos após a morte, incluindo objetos, fotografias, rituais, homenagens e outras práticas de recordação.

Critérios de Exclusão

Foram excluídos estudos anteriores a 2016, publicações sem texto integral de acesso aberto e registros duplicados. Também foram excluídas pesquisas sobre perda gestacional, aborto, morte fetal, natimortalidade ou luto perinatal, quando não apresentavam resultados compatíveis com o recorte adotado.

Também foram excluídos estudos sobre outras perdas sem resultados específicos de luto parental; trabalhos centrados exclusivamente em sintomas ou consequências clínicas, sem abordar memórias ou vínculos; estudos voltados apenas à produção de memórias antes da morte; e revisões de literatura, utilizadas apenas como apoio teórico para evitar sobreposição de resultados.

Estratégias de Busca

A busca bibliográfica foi realizada nas bases PubMed/MEDLINE e Scientific Electronic Library Online (SciELO), considerando publicações entre 2016 e 2026. As estratégias combinaram descritores e palavras-chave referentes ao luto parental, à

morte de um filho, às memórias e aos vínculos contínuos, por meio dos operadores booleanos AND e OR e, na PubMed, NOT.

BASE DE DADOS

1 – PubMed/MEDLINE

Na PubMed/MEDLINE, a busca foi estruturada em quatro conjuntos de termos: luto, pais e mães, morte de um filho e memórias ou vínculos contínuos. Foram utilizados os descritores indexados Bereavement e Parents e palavras-chave pesquisadas nos títulos e resumos. Os termos stillbirth e miscarriage integraram a expressão de exclusão.

("Bereavement"[Mesh] OR bereavement[tiab] OR grief[tiab] OR "parental bereavement"[tiab]) AND ("Parents"[Mesh] OR parent*[tiab] OR mother*[tiab] OR father*[tiab]) AND ("child loss"[tiab] OR "loss of a child"[tiab] OR "death of a child"[tiab] OR "deceased child"[tiab] OR "child's death"[tiab]) AND ("continuing bonds"[tiab] OR "continuing bond"[tiab] OR memory[tiab] OR memories[tiab] OR reminiscence[tiab] OR remembering[tiab] OR "memory making"[tiab] OR "memory-making"[tiab]) NOT (stillbirth[tiab] OR miscarriage[tiab]).

A estratégia foi apresentada com os operadores booleanos e os campos de busca empregados na organização da pesquisa. O campo [Mesh] indica descritores indexados e [tiab] corresponde a títulos e resumos.

2 – SciELO

Na SciELO, a busca reuniu três conjuntos de expressões em português: a população de pais enlutados, o processo de luto parental e as memórias ou recordações do filho falecido. A combinação buscou localizar estudos que relacionassem esses aspectos nas experiências posteriores à morte.

("Pais enlutados" OR "pais em luto" OR "pais que perderam um filho" OR "mães enlutadas") AND ("luto parental" OR "luto" OR "luto pela perda de um filho" OR "processo de luto") AND ("memórias" OR "memória" OR "lembranças" OR "recordações").

A expressão “vínculos contínuos” não integrou a combinação utilizada na SciELO; a pertinência dos artigos foi estabelecida a partir da relação de seus resultados com a pergunta de pesquisa.

Seleção dos Estudos

Os registros identificados foram submetidos à triagem por títulos e resumos, seguida de avaliação dos textos completos disponíveis. A seleção considerou a relação com a pergunta de pesquisa e os critérios de elegibilidade. Publicações sem acesso aberto, estudos secundários e trabalhos fora do recorte temático foram excluídos.

Os resultados da busca e da seleção foram sistematizados conforme as etapas de identificação, triagem e inclusão previstas no PRISMA 2020. A contagem considerou os registros recuperados nas bases e a retirada de uma publicação repetida na relação apresentada.

Extração e Análise dos Dados

Dos estudos incluídos foram organizadas informações sobre título, ano de publicação, objetivos e resultados pertinentes às memórias e aos vínculos contínuos. Os dados foram reunidos em quadro descritivo para comparação dos temas investigados.

Os resultados foram organizados em síntese narrativa, observando aproximações e diferenças entre os estudos, os sentidos atribuídos às lembranças e as formas de continuidade do vínculo após a morte do filho. Não foi realizada metanálise, em razão da diversidade de abordagens e dos resultados descritos.

RESULTADOS DA SELEÇÃO DOS ESTUDOS

As buscas nas bases PubMed/MEDLINE e SciELO identificaram 36 registros, sendo 33 na PubMed e 3 na SciELO. Após as etapas de triagem, avaliação de disponibilidade do texto integral e aplicação dos critérios de elegibilidade, a seleção foi encerrada com cinco estudos para a síntese narrativa.

Na SciELO, a estratégia identificou três registros. Um foi excluído após a triagem e dois foram incluídos: “A mesa que encolheu”: a perspectiva alimentar de mães que perderam filhos (2020) e “Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental”.

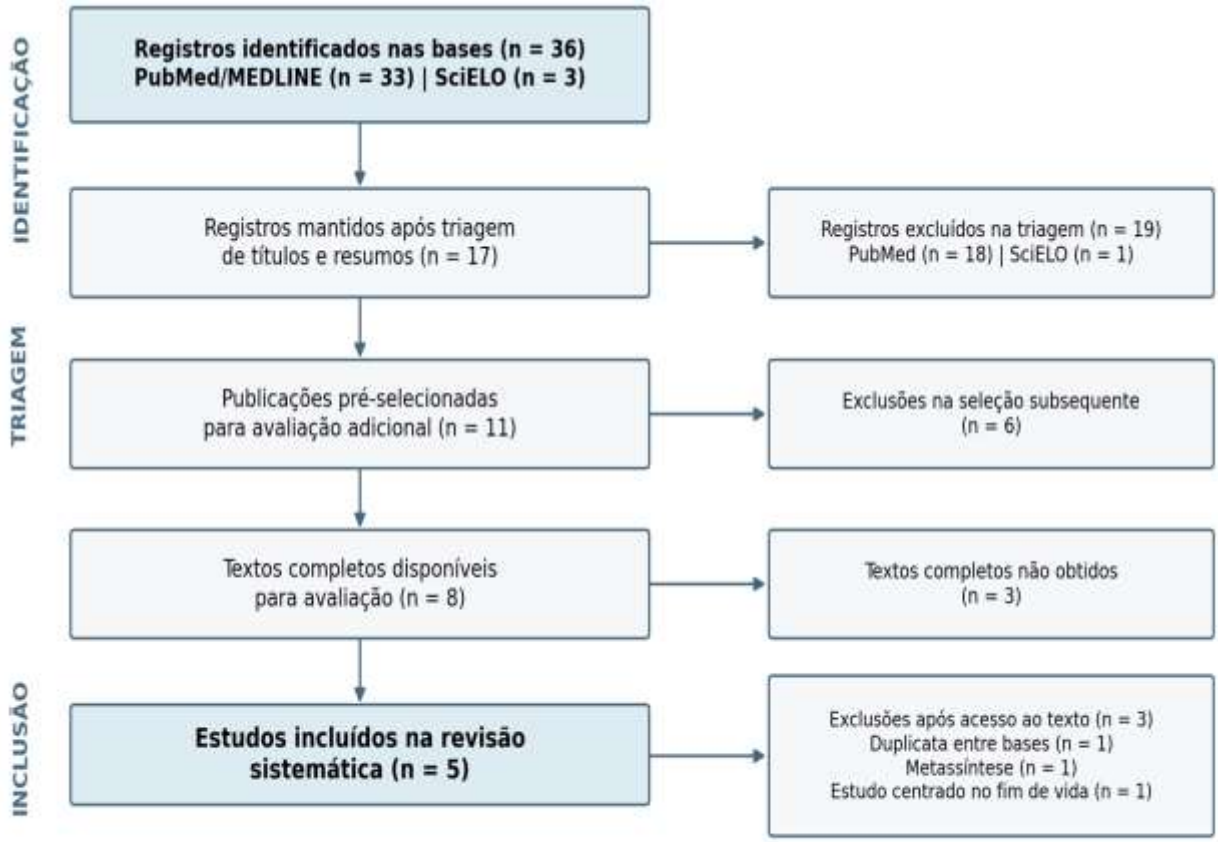
Na PubMed/MEDLINE, dos 33 registros identificados, 18 foram excluídos na triagem de títulos e resumos, permanecendo 15 para avaliação adicional. Após essa etapa, seis foram excluídos e nove publicações foram pré-selecionadas. Destas, três não apresentavam texto integral de acesso aberto. Entre os seis textos acessíveis, uma metassíntese foi excluída por se tratar de estudo secundário e um artigo centrado na

produção de memórias no fim da vida foi excluído por não atender ao recorte do luto após a morte.

A relação dos seis textos acessíveis também continha “A mesa que encolheu”, já contabilizado na SciELO; esse título foi considerado uma única vez na síntese. Assim, a amostra apresentada compreendeu dois estudos identificados na SciELO e três estudos originais adicionais da PubMed/MEDLINE.

A seleção resultou em cinco estudos: “A mesa que encolheu”; “Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental”; “A photovoice study on the bereavement experience of mothers after the death of a child”; “Bittersweet encounters: A qualitative exploration of parents’ unexplainable grief experiences after child loss”; e “As Long as I Live, My Sweet Boy You’ll Be”: Parents’ Continuing Bonds in Early Bereavement. O processo de seleção foi organizado segundo o PRISMA 2020.

Figura 1: Fluxograma baseado no modelo PRISMA com os resultados da seleção dos artigos.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 1: Caracterização dos estudos sobre memórias e vínculos contínuos no luto parental

FONTE	TIPO DE ESTUDO	GRUPO ESTUDADO	CONCLUSÃO DA PESQUISA
Campos et al. (2020) Brasil	Pesquisa qualitativa fenomenológica; entrevistas não diretivas.	15 mães enlutadas, de 40 a 61 anos, participantes de grupos de apoio.	A morte do filho modificou a relação das mães com a alimentação e os momentos de refeição. A cadeira vazia e o preparo de alimentos associados ao filho despertaram lembranças, evidenciando a presença da memória nas práticas cotidianas.
Kim et al. (2019, publicação on-line) Coreia do Sul	Estudo qualitativo participativo, com técnica photovoice (fotografias e narrativas).	6 mães sul-coreanas que perderam filhos de até 19 anos por câncer.	Fotografias e relatos expressaram memórias compartilhadas, desejos não realizados, culpa e formas de reorganizar a vida. A continuidade da relação afetiva com o filho falecido ofereceu conforto, embora acompanhada de sofrimento e saudade.
Herold et al. (2026) Estados Unidos	Estudo de métodos mistos; escala de vínculos contínuos e análise qualitativa de respostas abertas.	128 pais e mães de crianças falecidas por câncer; 103 forneceram relatos escritos.	Os vínculos contínuos permaneceram intensos no início do luto e se manifestaram em conexões físicas, simbólicas, espirituais, emocionais, experiências compartilhadas e ações ligadas ao legado do filho.
Clercq et al. (2025) Suíça	Pesquisa qualitativa; análise secundária de entrevistas.	23 pais e mães que perderam filhos por câncer.	Experiências percebidas como inexplicáveis, como sensações de presença e sinais associados ao filho, constituíram formas de vínculo contínuo. Podiam trazer consolo e, simultaneamente, despertar dor e ambivalência.
Franqueira e Magalhães (2018) Brasil	Pesquisa qualitativa; entrevistas e análise de conteúdo.	10 pais enlutados por morte de filhos em acidentes de trânsito: 8 mães e 2 pais.	O apoio de familiares e amigos nem sempre se manteve ou foi adequado. Grupos de apoio favoreceram a partilha de lembranças e a continuidade do vínculo parental, permitindo integrar a história dos filhos à vida dos pais.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

DISCUSSÃO

A leitura dos cinco estudos selecionados permite perceber que a morte de um filho não encerra, necessariamente, as formas pelas quais os pais se relacionam com ele. Mesmo quando a convivência deixa de ser possível, aspectos dessa relação permanecem nas lembranças, nos hábitos familiares e nos significados atribuídos a determinadas experiências. Essa questão aparece em pesquisas desenvolvidas em diferentes países e com objetivos distintos, o que chama atenção para a presença das

memórias em situações que nem sempre são reconhecidas, à primeira vista, como manifestações do vínculo parental.

Nos estudos analisados, recordar o filho envolve experiências bastante diferentes. Há pais que preservam objetos, fotografias e espaços da casa; outros encontram lembranças em atividades comuns, como preparar uma refeição ou ocupar um lugar à mesa. Também aparecem relatos de experiências simbólicas, homenagens e iniciativas para manter viva a história do filho entre familiares e amigos. Embora essas manifestações tenham características próprias, todas revelam que a relação construída durante a vida continua produzindo significados após a morte.

Essa permanência, contudo, não deve ser confundida com uma experiência exclusivamente reconfortante. Os artigos mostram que a mesma lembrança pode despertar carinho, proximidade e saudade, mas também tornar mais evidente a impossibilidade de estar novamente com o filho. Em algumas situações, preservar um objeto oferece conforto; em outras, entrar em contato com ele intensifica a percepção da ausência. Essa contradição não representa necessariamente um problema na vivência do luto, mas evidencia a complexidade de uma relação que permanece afetivamente importante, embora tenha perdido suas possibilidades anteriores de convivência.

Também se observa que as memórias não dizem respeito apenas ao passado. Elas aparecem associadas à identidade de pai ou mãe, às expectativas de futuro interrompidas e à maneira como a família passa a organizar a vida depois da perda. Além disso, o reconhecimento dessas lembranças depende, em parte, das relações sociais. Enquanto algumas pessoas encontram acolhimento para falar sobre o filho, outras enfrentam situações de silêncio, afastamento ou cobrança para que deixem de demonstrar sofrimento.

Essas aproximações orientam a presente discussão, que relaciona os resultados dos estudos à perspectiva dos vínculos contínuos, à reconstrução de significados no luto e à importância do reconhecimento social da perda. A intenção não é tratar as experiências descritas como iguais, mas compreender o que elas revelam sobre o papel das memórias na continuidade e na transformação da relação parental.

A Relação com o Filho Após a Morte: Entre a Ausência e a Continuidade

A ideia de que elaborar uma perda exige romper os laços afetivos com a pessoa falecida foi questionada por Klass, Silverman e Nickman (1996), ao proporem a compreensão dos vínculos contínuos. Nessa perspectiva, a morte modifica a relação, mas não determina que os sentimentos e os significados construídos durante a convivência precisem desaparecer. A pessoa falecida pode continuar ocupando um lugar importante na história de quem permanece, ainda que essa presença passe a ocorrer de outras maneiras.

Essa compreensão ajuda a interpretar os resultados de Herold *et al.* (2026), que investigaram os vínculos contínuos em 128 pais cujos filhos morreram em decorrência de câncer. Os participantes apresentaram pontuação média de 45,6 em uma escala cujo valor máximo era 55, indicando uma presença expressiva dessas conexões. Além da preservação de pertences, foram identificadas manifestações emocionais, simbólicas e espirituais, experiências relacionadas à continuidade de atividades compartilhadas e ações realizadas em memória dos filhos.

O estudo mostra que a manutenção do vínculo não se resume ao desejo de conservar o passado. Para alguns pais, a relação continua presente nas escolhas feitas depois da perda, nas atitudes inspiradas pelo filho e nas iniciativas para preservar seu legado. Isso não significa que a relação permaneça inalterada. Ao contrário, sua continuidade depende justamente da transformação das formas de expressar o afeto diante da impossibilidade de convivência física.

Kim *et al*. (2019) apresentam uma dimensão semelhante ao investigarem as experiências de mães sul-coreanas que perderam filhos por câncer. As fotografias utilizadas na pesquisa permitiram que as participantes expressassem lembranças da convivência, sentimentos relacionados à ausência e expectativas sobre o futuro que gostariam de ter vivido com os filhos. Em alguns relatos, a recordação estava associada não apenas ao que aconteceu, mas também àquilo que nunca chegou a acontecer.

Esse aspecto torna a experiência do luto parental particularmente complexa. A morte interrompe uma história que já estava sendo construída, mas também impede a realização de acontecimentos que os pais imaginavam acompanhar. O crescimento do filho, suas escolhas e as experiências que poderiam compartilhar passam a integrar uma dimensão da perda que não se limita às lembranças do passado.

A perspectiva da reconstrução de significados, discutida por Neimeyer (2001), contribui para compreender essa questão. A morte de alguém significativo pode modificar profundamente a maneira como uma pessoa interpreta sua própria história e compreende o mundo. No luto parental, reorganizar esses significados pode envolver encontrar novas formas de reconhecer a relação com o filho, sem que isso exija apagar sua memória.

Os resultados de Campos *et a*l. (2020) mostram como essa transformação pode aparecer em situações aparentemente simples. Ao investigar a relação de mães enlutadas com a alimentação, os autores identificaram mudanças na experiência das refeições e no significado atribuído aos alimentos associados aos filhos. A ausência passou a ser percebida em um espaço que anteriormente reunia a família e fazia parte da convivência cotidiana.

Embora Campos *et al*. (2020) não tenham investigado diretamente os vínculos contínuos, seus resultados dialogam com essa perspectiva. A permanência da relação pode ser reconhecida nas receitas, nos hábitos e nos lugares que continuam associados ao filho. Nesse caso, a memória não aparece necessariamente como uma homenagem planejada, mas como parte de uma rotina que já não pode ser vivida da mesma maneira.

Ao aproximar essas pesquisas, percebe-se que a continuidade do vínculo não depende de uma forma específica de recordação. Ela pode estar presente em objetos preservados, em ações realizadas no presente ou em situações comuns que despertam lembranças. O elemento compartilhado entre essas experiências é a importância que a relação continua tendo para os pais, mesmo depois da morte.

As Memórias que Permanecem nos Objetos, nos Espaços e na Rotina

A preservação de pertences aparece de maneira recorrente nos estudos analisados. Em Herold *et al.* (2026), guardar objetos do filho foi uma das manifestações mais frequentes dos vínculos contínuos. Kim *et al*. (2019) também identificaram a importância atribuída pelas mães aos objetos pessoais, às fotografias e aos espaços que conservavam lembranças da convivência.

Esses elementos não possuem significado apenas por suas características materiais. Uma roupa, um brinquedo ou uma fotografia pode remeter a acontecimentos compartilhados e a aspectos particulares da personalidade do filho. Por essa razão, desfazer-se de um pertence pode representar, para alguns pais, muito mais do que retirar um objeto de casa.

No estudo de Kim *et al*. (2019), algumas mães demonstraram dificuldade para se desfazer dos pertences dos filhos, embora reconhecessem que esses objetos também despertavam tristeza. A importância da lembrança e a dor provocada por ela apareciam juntas. Isso ajuda a compreender por que determinadas práticas de preservação não podem ser interpretadas apenas pelo comportamento observado, sem considerar o significado que possuem para quem as realiza.

Em Campos *et al.* (2020), a memória aparece de maneira diferente. As refeições, os alimentos preferidos do filho e os lugares anteriormente ocupados à mesa tornam-se referências de uma convivência interrompida. Enquanto guardar uma fotografia pode representar uma escolha consciente de preservar determinada lembrança, preparar uma refeição pode despertar a memória de maneira inesperada.

Essa diferença amplia a compreensão do tema. Nem toda lembrança é procurada pelos pais. Algumas surgem em situações comuns, justamente porque o filho fazia parte da organização da vida familiar. A memória, nesse caso, não está restrita a um objeto guardado, mas permanece associada aos hábitos e aos espaços da casa.

Clercq *et al.* (2025) acrescentam outra dimensão ao investigarem experiências que os próprios pais consideravam difíceis de explicar racionalmente. Entre os relatos, apareceram percepções de presença e acontecimentos interpretados como sinais relacionados aos filhos falecidos. Essas vivências podiam oferecer conforto, mas também intensificar o sofrimento, sobretudo quando deixavam de acontecer ou despertavam o desejo de contato físico.

A aproximação entre esses estudos mostra que a continuidade do vínculo não se manifesta apenas por meio de lembranças materiais. Ela também pode envolver experiências subjetivas, crenças e percepções que adquirem significado na história particular de cada família.

Um ponto importante é que nenhuma dessas manifestações pode ser considerada, isoladamente, um indicador de adaptação satisfatória ou de dificuldade na elaboração do luto. O mesmo objeto que proporciona conforto pode despertar sofrimento; uma experiência simbólica pode ser recebida com tranquilidade por um pai e causar angústia em outro.

Essa coexistência de sentimentos pode ser discutida à luz do Modelo do Processo Dual de Enfrentamento do Luto, proposto por Stroebe e Schut (1999). Os autores compreendem o enfrentamento da perda como um movimento entre experiências voltadas à ausência da pessoa falecida e demandas relacionadas à reorganização da vida. Embora os estudos selecionados não tenham testado

diretamente esse modelo, seus resultados permitem reconhecer que a experiência do luto não segue necessariamente uma direção única.

Assim, aproximar-se das lembranças e buscar retomar atividades cotidianas não são movimentos obrigatoriamente opostos. Os pais podem sentir necessidade de recordar o filho e, ao mesmo tempo, encontrar maneiras de reorganizar a própria vida. A presença de sentimentos contraditórios não elimina a possibilidade de transformação da relação com a perda.

A metassíntese de Xu *et al.* (2024), utilizada aqui como referência complementar, também destaca a importância atribuída pelos pais à construção de memórias e às diferenças nas necessidades familiares. Apesar de incluir contextos de perda que ultrapassam o recorte desta revisão, o estudo contribui para reforçar que a preservação de lembranças precisa ser compreendida a partir das preferências e experiências de cada família, e não como uma prática universal.

O Medo de Esquecer e a Permanência da Identidade de Pai ou Mãe

Uma questão que merece atenção é a relação entre as memórias e a identidade parental. A morte de um filho modifica profundamente as possibilidades de exercer a maternidade e a paternidade, mas não elimina a história construída durante a convivência. Os pais continuam reconhecendo o filho como parte de sua trajetória, mesmo quando já não podem acompanhar seu crescimento ou participar de sua vida como antes.

Em Kim *et al*. (2019), a preservação das lembranças estava associada ao desejo das mães de manter viva a história dos filhos. Os objetos e espaços conservados não representavam apenas acontecimentos passados, mas também a continuidade de uma relação que permanecia importante para a maneira como essas mulheres se reconheciam.

Campos *et al*. (2020) apresentam uma situação semelhante a partir de outra perspectiva. A ausência do filho modifica a experiência das refeições e a organização familiar, mas determinadas práticas continuam associadas à sua memória. O lugar anteriormente ocupado pelo filho deixa de ter a mesma função na convivência cotidiana, embora permaneça carregado de significado afetivo.

Esses resultados permitem compreender que recordar também pode representar uma forma de preservar a identidade de pai ou mãe. A relação parental não é constituída apenas pelas atividades de cuidado realizadas no presente, mas também pela história compartilhada e pelos significados construídos ao longo da vida.

A partir da perspectiva de Neimeyer (2001), essa permanência pode ser relacionada à necessidade de reconstruir significados após uma perda que altera profundamente a maneira como a pessoa compreende sua própria trajetória. Para pais enlutados, essa reconstrução pode envolver reconhecer que a morte modificou a relação com o filho, sem que isso signifique deixar de se identificar como seu pai ou sua mãe.

Entretanto, a possibilidade de expressar essa identidade nem sempre encontra reconhecimento nas relações sociais. Em determinadas situações, os pais podem sentir que precisam justificar o desejo de falar sobre os filhos ou conservar suas lembranças, especialmente quando outras pessoas demonstram desconforto diante da continuidade dessas manifestações.

Essa questão aparece em Franqueira e Magalhães (2018), que investigaram o papel das redes de apoio no luto de pais e mães que perderam filhos em acidentes de trânsito. As autoras identificaram experiências de acolhimento, mas também situações de afastamento, julgamento e apoio inadequado. Os grupos de suporte apareceram como espaços importantes para compartilhar o sofrimento.

Kim *et al.* (2019) também identificaram dificuldades relacionadas à expressão do luto, especialmente diante de expectativas culturais que restringiam as oportunidades de falar sobre os filhos falecidos. Embora os estudos tenham sido desenvolvidos em contextos diferentes, ambos demonstram que as reações das pessoas ao redor podem interferir na maneira como os pais compartilham suas lembranças.

Essa aproximação revela uma dimensão importante da continuidade dos vínculos. A memória do filho não permanece apenas na experiência individual dos pais. Ela também pode ser preservada nas conversas familiares, nas histórias compartilhadas e no reconhecimento de outras pessoas que participaram de sua vida.

Quando existe espaço para falar sobre o filho, a lembrança pode continuar fazendo parte das relações sociais. Por outro lado, o silêncio e o afastamento podem dificultar essa expressão, especialmente quando os pais percebem que sua necessidade de recordar não é compreendida.

Desse modo, o reconhecimento social da perda constitui um aspecto relevante para compreender as memórias no luto parental. Não se trata apenas de oferecer apoio diante do sofrimento, mas também de reconhecer a importância de uma relação que continua fazendo parte da história familiar.

O que os Achados Acrescentam à Compreensão Psicológica do Luto Parental

A análise dos estudos apresenta contribuições importantes para a Psicologia, sobretudo por demonstrar que a preservação de lembranças não deve ser interpretada automaticamente como dificuldade de elaboração do luto. Guardar objetos, manter fotografias, realizar homenagens ou continuar falando sobre o filho pode representar uma maneira de expressar a relação parental após a morte.

Isso não significa, porém, que todas essas práticas sejam necessariamente benéficas. Os resultados mostram que a memória pode proporcionar conforto e, ao mesmo tempo, despertar sofrimento. Por essa razão, compreender seu significado exige considerar a história de cada pessoa, as circunstâncias da perda e a maneira como ela vivencia a continuidade da relação.

Os achados de Clercq *et al.* (2025) são especialmente relevantes nesse aspecto. As experiências simbólicas relatadas pelos participantes demonstram que determinadas percepções podem assumir um significado importante no luto. Entretanto, sua compreensão não deve ocorrer de maneira automática, sem considerar o contexto em que aparecem e o sofrimento eventualmente associado a elas.

A perspectiva dos vínculos contínuos, apresentada por Klass, Silverman e Nickman (1996), contribui para evitar interpretações que estabeleçam o desligamento emocional como condição necessária para a elaboração da perda. Ao mesmo tempo, a compreensão do luto como um processo de reconstrução de significados, discutida por Neimeyer (2001), permite considerar as mudanças que a morte provoca na história e na identidade dos pais.

Os resultados de Franqueira e Magalhães (2018) acrescentam a importância das relações sociais nesse processo. O acompanhamento psicológico não pode desconsiderar as dificuldades enfrentadas por pais que encontram pouco espaço para falar sobre os filhos ou que recebem cobranças relacionadas à maneira como expressam o sofrimento.

Nesse contexto, a escuta psicológica pode favorecer a expressão das lembranças e a compreensão dos significados atribuídos à perda, sem impor expectativas sobre como os pais devem recordar ou sobre o momento em que deveriam deixar de falar sobre o filho.

Cabe ressaltar, entretanto, que os estudos incluídos nesta revisão não avaliaram diretamente a eficácia de intervenções psicológicas voltadas à manutenção dos vínculos contínuos. Portanto, seus resultados não permitem afirmar que

preservar lembranças reduz o sofrimento ou produz melhores condições emocionais em todos os casos.

A principal contribuição dessas pesquisas para a prática psicológica está na possibilidade de compreender o luto parental para além da ausência física. A relação com o filho pode continuar sendo expressa de diferentes maneiras, e o significado dessa continuidade precisa ser reconhecido a partir da experiência particular de cada pessoa.

Síntese dos Achados

A comparação dos estudos permite compreender que as memórias participam da continuidade dos vínculos parentais ao preservar referências afetivas, acontecimentos compartilhados e significados relacionados à história do filho. Essa permanência pode ser percebida em objetos, espaços familiares, atividades cotidianas, experiências simbólicas e narrativas compartilhadas.

Entretanto, memória e vínculo contínuo não representam exatamente o mesmo fenômeno. As memórias dizem respeito às lembranças e aos significados associados ao filho falecido, enquanto os vínculos contínuos envolvem as diferentes maneiras pelas quais a relação permanece presente e se transforma após a morte.

Os estudos também demonstram que essa continuidade não elimina o sofrimento. A lembrança pode oferecer conforto e, simultaneamente, tornar mais evidente a ausência. Por isso, não é possível estabelecer uma forma única de vivenciar as memórias nem afirmar que sua preservação representa, necessariamente, uma experiência positiva.

Em resposta à pergunta que orientou esta revisão, compreende-se que as memórias do filho falecido desempenham um papel importante na continuidade e na transformação dos vínculos parentais. Elas permitem preservar aspectos da relação construída durante a vida e atribuir novos significados à presença do filho na história familiar, mesmo diante da impossibilidade de convivência física.

A literatura analisada indica, portanto, que a experiência do luto parental não se resume à necessidade de lidar com a ausência. Ela também envolve encontrar maneiras de reconhecer uma relação que permanece significativa, ainda que já não possa ser vivida como antes.

LIMITAÇÕES E DIFICULDADES DA PESQUISA

Uma das principais dificuldades encontradas durante a realização desta revisão foi localizar estudos que abordassem especificamente a relação entre

memórias e vínculos contínuos no luto de pais pela morte de um filho. Embora tenham sido identificadas publicações sobre diferentes aspectos do luto parental, parte delas concentrava-se nas consequências emocionais da perda, nos cuidados relacionados ao fim de vida ou em experiências de luto perinatal. Essas abordagens, apesar de relevantes, não correspondiam diretamente ao objeto delimitado para esta pesquisa.

A disponibilidade dos textos completos também representou uma dificuldade. Na PubMed/MEDLINE, foram identificados inicialmente 33 registros, dos quais nove permaneceram após as etapas de triagem. Entretanto, somente seis estavam disponíveis para leitura integral. Essa restrição dificultou a avaliação de algumas publicações potencialmente relacionadas ao tema, uma vez que a leitura dos resumos nem sempre permite identificar todos os resultados apresentados pelos autores.

Outra limitação refere-se à utilização de apenas duas bases de dados, PubMed/MEDLINE e SciELO. Embora tenham possibilitado a identificação de pesquisas pertinentes, a consulta a outras fontes poderia ampliar o número de estudos recuperados e favorecer uma compreensão mais abrangente da produção científica sobre o tema.

Também foi necessário considerar as diferenças entre as pesquisas selecionadas. Os cinco estudos foram realizados em contextos culturais distintos, utilizaram procedimentos metodológicos variados e investigaram experiências de perda em circunstâncias diferentes. Essa diversidade contribuiu para ampliar a compreensão das manifestações das memórias, mas dificultou a comparação direta dos resultados.

Além disso, observou-se uma participação predominante de mães em parte dos estudos. Essa característica limita a compreensão das experiências paternas e indica a necessidade de pesquisas que contemplem de maneira mais equilibrada pais e mães, considerando também diferentes configurações familiares.

Por fim, as publicações analisadas não permitem determinar se a preservação das memórias contribui para a redução do sofrimento psicológico ao longo do tempo. Os resultados descrevem experiências e significados atribuídos pelos participantes, mas não estabelecem uma relação causal entre a manutenção dos vínculos contínuos e a adaptação à perda.

Essas limitações indicam a necessidade de novas pesquisas, especialmente estudos longitudinais e investigações desenvolvidas no contexto brasileiro, que aprofundem a compreensão das memórias e dos vínculos contínuos no luto parental.

CONCLUSÃO

Esta revisão sistemática buscou compreender como as memórias do filho falecido são abordadas na literatura científica e de que maneira se relacionam com a continuidade dos vínculos parentais. A análise dos cinco estudos selecionados mostrou que as lembranças permanecem presentes na vida dos pais por meio de objetos, fotografias, espaços familiares, atividades cotidianas, experiências simbólicas e histórias compartilhadas.

Os resultados indicam que a morte modifica profundamente a relação entre pais e filhos, mas não necessariamente encerra os vínculos afetivos construídos durante a convivência. As memórias participam dessa continuidade ao preservar aspectos da história compartilhada e possibilitar outras formas de reconhecer a presença do filho na vida familiar.

Entretanto, recordar não significa apenas encontrar conforto. Os estudos demonstraram que as lembranças também podem despertar saudade, culpa e sofrimento, especialmente quando tornam mais evidente a impossibilidade de retomar a convivência. Por essa razão, a continuidade do vínculo precisa ser compreendida considerando as particularidades de cada experiência, sem pressupor que determinadas formas de recordação sejam necessariamente positivas ou negativas.

Outro aspecto identificado foi a relação entre as memórias e a identidade parental. Mesmo após a morte, os pais continuam reconhecendo o filho como parte de sua história, e a preservação das lembranças pode representar uma maneira de manter esse reconhecimento. As relações sociais também se mostraram importantes, sobretudo diante das dificuldades enfrentadas por algumas famílias para compartilhar suas experiências e encontrar acolhimento.

A quantidade reduzida de estudos e as diferenças metodológicas limitam a generalização dos resultados. Permanecem necessárias pesquisas que acompanhem os pais ao longo do tempo, ampliem a participação paterna e investiguem de maneira mais específica as relações entre memórias, vínculos contínuos e sofrimento psicológico.

Para a Psicologia, os achados reforçam a importância de uma escuta que reconheça a singularidade do luto parental. Preservar objetos, falar sobre o filho ou realizar atividades em sua memória não deve ser interpretado, isoladamente, como dificuldade de elaboração da perda. É necessário compreender o significado que essas

práticas assumem na vida de cada pessoa e considerar tanto o conforto quanto o sofrimento que podem despertar.

Diante dos estudos analisados, compreende-se que as memórias do filho falecido desempenham um papel importante no processo de luto parental, pois permitem aos pais preservar aspectos da história compartilhada e reconhecer a permanência afetiva dessa relação após a morte. Essas lembranças não se restringem à recordação de acontecimentos passados, mas se manifestam em objetos, fotografias, hábitos cotidianos, experiências simbólicas e narrativas que mantêm o filho presente na história familiar.

A relação entre memórias e vínculos contínuos se estabelece justamente nessa possibilidade de transformar a maneira como o vínculo é vivido. Embora a morte interrompa a convivência física, os sentimentos, os significados e a identidade parental não desaparecem necessariamente. As memórias contribuem para essa continuidade, permitindo que a relação encontre outras formas de expressão. Entretanto, esse processo não ocorre sem sofrimento, uma vez que recordar também pode intensificar a saudade e tornar mais evidente a ausência.

Assim, a resposta à pergunta desta pesquisa é que as memórias constituem uma das formas de expressão e preservação dos vínculos contínuos no luto parental, contribuindo para que os pais mantenham referências afetivas do filho e integrem sua história à vida que prossegue. Essa continuidade não significa negar a morte ou permanecer preso ao passado, mas reconhecer que a relação construída com o filho pode continuar fazendo parte da identidade e da trajetória dos pais, mesmo diante de sua ausência física.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Teresa Fialho de Sousa et al. “A mesa que encolheu”: a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 1051-1060, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018. Acesso em: 22 set. 2026.

CLARKE, Terrie; CONNOLLY, Michael. Parent’s lived experience of memory making with their child at or near end of life. **American Journal of Hospice & Palliative Medicine**, v. 39, n. 7, p. 798-805, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/10499091211047838. Disponível em: https://doi.org/10.1177/10499091211047838. Acesso em: 02 out. 2026.

CLERCQ, Eva et al. Bittersweet encounters: a qualitative exploration of parents’ unexplainable grief experiences after child loss. **Death Studies**, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2025.2607439. Disponível em: https://doi.org/10.1080/07481187.2025.2607439. Acesso em: 02 out. 2026.

FRANQUEIRA, Ana Maria Rodrigues; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 11, p. 373-389, 2018. DOI: https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.11.172. Disponível em: https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.11.172. Acesso em: 22 set. 2026.

HEROLD, Ben et al. "As long as I live, my sweet boy you'll be": parents' continuing bonds in early bereavement. **Psycho-Oncology**, v. 35, e70556, 2026. DOI: https://doi.org/10.1002/pon.70556. Disponível em: https://doi.org/10.1002/pon.70556. Acesso em: 02 out. 2026.

KIM, Min Ah et al. A photovoice study on the bereavement experience of mothers after the death of a child. **Death Studies**, 2019. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2019.1648333. Disponível em: https://doi.org/10.1080/07481187.2019.1648333. Acesso em: 02 out. 2026.

KLASS, Dennis; SILVERMAN, Phyllis R.; NICKMAN, Steven L. (org.). **Continuing bonds: new understandings of grief**. Washington, DC: Taylor & Francis, 1996. DOI (edição digital): https://doi.org/10.4324/9781315800790. Acesso em: 22 set. 2026.

NEIMEYER, Robert A. (org.). **Meaning reconstruction & the experience of loss**. Washington, DC: American Psychological Association, 2001. DOI: https://doi.org/10.1037/10397-000. Acesso em: 22 set. 2026.

PAGE, Matthew J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, n. 71, 2021. DOI: 10.1136/bmj.n71. Disponível em: https://www.bmj.com/content/372/bmj.n71. Acesso em: 20 nov. 2026.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. **Death Studies**, v. 23, n. 3, p. 197-224, 1999. DOI: https://doi.org/10.1080/074811899201046. Acesso em: 22 set. 2026.

XU, Dan-dan et al. Bereaved parents' perceptions of memory making: a qualitative meta-synthesis. **BMC Palliative Care**, v. 23, artigo 24, 2024. DOI: https://doi.org/10.1186/s12904-024-01339-0. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s12904-024-01339-0. Acesso em: 02 out. 2026.